



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

VANESSA KISHIMA DO BÚ

A AUDÁCIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS COM O ROMANCE

ÚRSULA

Campina Grande

2014

VANESSA KISHIMA DO BÚ

A AUDÁCIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS COM O ROMANCE

ÚRSULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Graduado em Letras – Língua Portuguesa.

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B917a Bú, Vanessa Kishima do.
A audácia de Maria Firmina dos Reis com o romance Úrsula
[manuscrito] / Vanessa Kishima do Bú. - 2014.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza,
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise literária. 2. Discurso feminino. 3.
Afrodescendentes. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

VANESSA KISHIMA IX) BÚ

A AUDÁCIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS COM O ROMANCE

URSULA

Aprovada em: 28/07/2014.

BANCA EXAMINADORA

Francisca Zuleide Duarte de Souza Nota: 10,0
Prof. Dr. Francisca Zuleide Duarte de Souza
Orientadora

Adalberto Teixeira Rodrigues Nota: 10,0
Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues
Examinador

Edson Tavares Costa Nota: 10,0
Prof. Dr. Edson Tavares Costa
Examinador

Média: 10,0

A AUDÁCIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS COM O ROMANCE *ÚRSULA*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem o objetivo de analisar a obra *Úrsula*, da autora Maria Firmina dos Reis. Mulher, professora, escritora, de origem pobre e cor negra. Através de sua escrita apontamos a audácia de uma mulher que ultrapassou os preconceitos e engajou-se na escrita literária como representante dos afrodescendentes no final do século XIX. Sua obra é considerada o primeiro romance abolicionista e o primeiro a ser escrito por uma mulher brasileira. Para a análise, fazemos uma exposição do contexto histórico em que a autora estava inserida, assim como apresentamos o discurso feminino de autoria negra, comentando alguns aspectos da escravidão, necessários para compreender tanto o pensamento da autora como a realidade de algumas das personagens da obra. A análise está fundamentada em textos de autores como, Alves (2005), Telles (2010), Del Priore (1994), Andrade (2011), Oliveira (2011), dentre outros.

Palavras-chave: Audácia; Discurso feminino; Afrodescendentes.

ABSTRACT

This work of completion (CBT) aims to analyze the work *Ursula*, the author Maria Firminados Reis. Woman, teacher, writer, from poor and black. Through her writing pointed the audacity of a woman passed prejudices and became engaged in literary writing as a representative of African descent in the late nineteenth century. His work is considered the first abolitionist novel and the first to be written by a Brazilian woman. For the analysis, we make a presentation of the historical context in which the author was inserted, as well as present the discourse of black female authorship, commenting on some aspects of slavery, both needed to understand the thinking of the author as the reality of some of the characters in a book. The analysis is based on texts by authors such as, Alves (2005), Telles (2010), Del Priore (1994), Andrade (2011), Oliveira (2011), among others.

Keywords: Audacity; Female discourse; African descent.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 MARIA FIRMINA DOS REIS.....	07
3 UMA ESCRITA FEMININA AUDACIOSA.....	08
4 A VALORIZAÇÃO DOS AFRODESCENDENTES.....	13
5 AS MULHERES DA OBRA	18
5.1 SUSANA: A VELHA AFRICANA.....	18
5.2 MÃE DE TANCREDO E LUÍSA: O MATRIMÔNIO	21
5.2.1 MÃE DE TANCREDO.....	21
5.2.2 LUÍSA.....	25
5.3 ADELAIDE: O PRIMEIRO AMOR DE TANCREDO.....	26
5.4 ÚRSULA: A PROTAGONISTA.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem o objetivo de analisar a obra *Úrsula* de autoria de Maria Firmina dos Reis. Considerado o primeiro romance abolicionista e um dos primeiros escritos por uma mulher brasileira, *Úrsula* rompe os preconceitos e dificuldades do tempo em que viveu a autora (século 19), marcado por uma sociedade patriarcal e extremamente machista. Publicando em 1859, quando a autora tinha 34 anos de idade, *Úrsula* apresenta um vivo retrato da sociedade maranhense do século 19, através das vivências de sua personagem, cujo nome também intitula a obra.

Reis apresenta, em sua escrita, uma mulher submissa que não pode escolher o seu destino, pois o contexto patriarcal negava-lhe o amor e a felicidade. Por vezes, a personagem Úrsula é silenciada, parecendo temer expor aquilo que almejava, em consonância com o costume da época, que não levava em conta os sonhos das jovens casadouras. A obra é uma denúncia da situação vigente no século XIX, que destinava à mulher somente os afazeres domésticos e a procriação da espécie, e, aos negros, a condição de escravos.

Maria Firmina narra uma história de amor entre uma jovem, Úrsula, e um bacharel em Direito (homem branco, advindo de uma boa família), entrelaçando-o com a narrativa da vida dos escravos, que guardam na lembrança sua terra natal – África, suas raízes e a liberdade. Através do romance, Reis, dá voz aos que sempre foram silenciados: a mulher e o negro.

Traçamos um painel do contexto histórico da autora, assim como apresentamos o discurso feminino de autoria negra, retratando a condição escrava.

Analisamos, por outro lado, o silenciamento do discurso feminino, denunciado no romance, assim como o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis, que não hesitou em retratar as condições da época, revelando grande ousadia, considerando sua condição de mulher afrodescendente.

2 MARIA FIRMINA DOS REIS

No dia 11 de outubro de 1825 nasceu, na ilha de São Luís, capital da província do Maranhão, Maria Firmina dos Reis, que foi registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. A humilde condição financeira de Maria Firmina não a impediu de lutar contra o preconceito e a discriminação, que lhe rendeu o lugar de pioneira do romance brasileiro de autoria feminina. Em 1847, Maria Firmina foi a única aprovada no Concurso Estadual para assumir a Cadeira de Instrução Primária na vila de Guimarães – Maranhão. A professora lecionava em casa, como era de costume na época.

Segundo Telles (2010), “os que a conheceram, quando tinha uns 85 anos, descreveram-na como sendo pequena, parda, de rosto arredondado, olhos escuros, cabelos crespos e grisalhos presos na altura da nuca” (p.412), assim como relatam que era uma pessoa reservada, mas bem acessível, tanto que, quando as pessoas a cumprimentavam, dando vivas, ela agradecia com um improvisado discurso.

Reis participou da vida intelectual maranhense, colaborando na imprensa local, publicando livros e participando de antologias. Entre 1859 e 1871, a autora publicou *Úrsula*, *Gupeva*, *Cantos à beira-mar*. Aos 55 anos de idade, fundou uma escola mista gratuita para alunos que não pudessem pagar. Aposentou-se no ensino público oficial um ano depois.

Em 1887, publicou alguns poemas e o conto *A Escrava*, e, no ano de 1917, perdemos a pioneira da escrita feminina brasileira, aos 92 anos de idade. Escritora de grande talento e coragem, Maria Firmina não somente representou as mulheres, assim como trouxe à luz um pouco da cultura afrodescendente, além de lutar bravamente contra a escravidão.

3 UMA ESCRITA FEMININA AUDACIOSA

Mesmo afirmando que seu livro podia não ser apreciado e bem aceito na sociedade por ter sido escrito por uma mulher de pouca instrução, Maria Firmina dos Reis assumiu o risco de publicá-lo, não com o intuito de ficar famosa ou pelo prestígio de escritora, mas pelo amor às suas origens, bem como no intuito de incentivar outras mulheres a saírem do anonimato e ocuparem seu verdadeiro lugar na sociedade.

Ao mesmo tempo, a autora apresentou uma distinção de tratamento e preconceito da época, no que diz respeito, à educação. Reis, por ser mulher, não teve tantas oportunidades de acesso à educação como os homens:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2009, p. 13)

A autora apresenta, no romance, a diferença entre a educação feminina e masculina e sua indignação, de certo modo, com essa distinção, pois somente os rapazes eram enviados às capitais para estudar e voltar formados em profissões bem reconhecidas política e socialmente. Direito e Medicina eram as grandes escolhas do século XIX, porém apenas homens poderiam cursá-los, pois o homem deveria assumir “o espaço público, onde se instalam as instituições oficiais – a política, a ciência e o trabalho, todos articulados ao raciocínio” (ALVES, 2005, p. 105), restando às mulheres apenas a esfera doméstica. “As práticas sociais exigiam das mulheres um comportamento recatado, puro e adequado a quem não tinha vivência de explorar sentimento ou experimentá-los, obrigando-as a uma conduta de ocultamento de suas emoções” (*op. cit.*, p. 111).

Desse modo, o privilégio à educação masculina pode ser identificada em uma das falas de Tancredo, um dos protagonistas do romance, ao narrar sua história para Úrsula:

Só apartei-me de minha mãe quando fui para São Paulo cursar as aulas de Direito, e seis anos de saudades aí passei [...]. Num dia recebi o grau de bacharel e noutro segui para a minha terra natal. (REIS, 2009, p. 57)

A mulher do século XIX foi privada dessa oportunidade, como Firmina mesma afirma, de modo que denuncia essa injustiça a partir de um discurso feminino audacioso para época, de uma mulher que escreveu um romance e expôs nele questões já percebidas, porém silenciadas, invisibilizadas. Há uma restrição à educação e instrução mais aprofundada da mulher, por não se crer na possibilidade de a mulher ultrapassar a barreira doméstica, postura que repercutiu negativamente contra ela, subalternizando-a e destituindo-a do acesso ao universo da intelectualidade cultivada pelo mundo masculino. Esperava-se da mulher um comportamento passivo e subserviente, fruto do preconceito e da idealização de um comportamento feminino subalterno. Como afirma Telles,

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas de acesso à educação superior, as mulheres do século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos ou senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. (TELLES, 2010, p.408)

As próprias relações de poder e gênero sobrepõem o masculino ao feminino apoiando-se na ideia da “natureza feminina como frágil, emotiva, dependente, instintivamente maternal e esvaziada de sentido próprio para ser preenchida pelos desejos do marido e dos filhos” (ALVES, 2005, p. 66).

Telles (2010) ainda aponta para essa distinção de tratamento de gênero, presente no século XIX: a mulher era vista como ajudante do homem e educadora apenas dos filhos. Sua função era a reprodução e nutrição da espécie, exercendo o papel de “Anjo do Lar”. As mulheres que ousassem realizar tarefas diversas daquelas a ela destinadas pela sociedade eram consideradas “anjos do mal”, potências maléficas, pervertidas, destruidoras da família, afastadas dos planos divinos de sacralização da mãe de família submissa e dedicada.

Essa visão preconceituosa foi instalada desde a Antiguidade, primeiro com a mitologia grega, através da personagem Pandora. A primeira mulher criada por Zeus foi enviada como uma forma de punir os homens pela ousadia do titã Prometeu em roubar aos céus o segredo do fogo e, essa mulher ficou sendo denominada como “Belo Infortúnio”.

Depois, com a tradição judaico-cristã, Eva, como representação da mulher, induziu o homem a pecar, levando o Senhor Deus a expulsá-los (a mulher e o homem) do Paraíso:

O senhor Deus disse: “Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer?” O homem respondeu: “A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me desse fruto, e eu comi.” O Senhor Deus disse à mulher: “Porque fizeste isso?” – “A serpente enganou-me, – respondeu ela – e eu comi.”

[...] Disse também à mulher: “Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.” E disse em seguida ao homem: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. (GÊNESIS, 3, 11-18)

Percebemos que historicamente se foi construindo uma imagem negativa da mulher, como causadora do mal, condutora da humanidade à perdição. Como punição, a mulher seria submissa ao homem e estaria destinada a resgatar o paraíso através do combate do mal. Figura ambígua, a mulher-anjo era comparada à Maria, Virgem mãe de Cristo; a mulher tentadora, por outro lado, figura representante de Eva, por cuja desobediência se puniu a humanidade.

Desse modo, a luta pela emancipação feminina esbarravam não apenas nos preconceitos estabelecidos socialmente, mas também na desigualdade de tratamento entre os gêneros. No entanto, Reis arrisca-se no universo literário, engajada politicamente, apesar de ser um caminho árduo para uma mulher, ainda mais sendo negra, que não teve oportunidade de acesso ao ensino europeu, como muitos homens, nem ao domínio de outras línguas.

Com *Úrsula*, apesar das dificuldades, Maria Firmina dos Reis ultrapassou esses pré-conceitos e utilizou sua formação autodidata, apesar da humildade e sinceridade ao apresentar o romance como um filho que precisava dos seus cuidados, porque ia ser criticado. Esse discurso, segundo Alves (2005), é resultado da sociedade na qual estava inserida, pois o sujeito sofre influências direta ou indiretamente das circunstâncias do ambiente e da sua posição social.

Porém, essa pretensa humildade pode ser analisada como uma estratégia que, de alguma maneira, poderia servir como escudo para a crítica literária da época, assim

como o uso de outra estratégia da autora ao escrever diretamente para o público, nos momentos em que dialoga com o leitor, de modo que apresenta um discurso audacioso de alguém que tem consciência dos obstáculos a vencer.

Apesar da forte influência das relações de poder construídas histórica e socialmente, Reis se utiliza de estratégias de resistência, criando um contradiscurso através da produção e publicação do romance *Úrsula*, pois somente como mulher negra poderia falar sobre uma realidade que lhe pertencia.

Como afirma Spivak (2010), “a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas” (P.66). Em consonância com esta afirmação, julgamos o trabalho de Maria Firmina dos Reis com o romance *Úrsula* de grande pertinência considerando que só a mulher poderia retratar com propriedade a condição feminina subalterna em uma sociedade patriarcal. Além de ser mulher, Reis era afrodescendente e de condição financeira carente, o que implica dizer que para a escritora foi muito mais difícil ultrapassar as barreiras impostas socialmente, pois “o subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à mulher como um item respeitoso nas listas de propriedades globais” (SPIVAK, 2010, p. 126).

Ao apresentar a questão da subalternização da mulher, Spivak (2010) expõe essa problemática grandiosa, pois “se você é pobre, negra e mulher” as dificuldades e as barreiras a serem quebradas são ainda maiores.

Desse modo, Firmina ultrapassou a barreira doméstica e atingiu o público, que mesmo escasso, tomou conhecimento de uma escrita feminina consciente e insubordinada à imposição de papéis sociais inferiores destinados à mulher. Vitimizada apenas ideologicamente, tendo em vista que a capacidade é a mesma, a autora provou a capacidade das mulheres de lutarem contra as restrições e controles exercidos socialmente.

Portanto, a escritora lutou contra a subalternidade, criando e abrindo caminhos, espaços e condições, nos quais o subalterno, no caso, a mulher e o negro, possam se articular e serem ouvidos. Questionou os limites representacionais, o seu lugar de enunciação e sua participação no trabalho intelectual.

Maria Firmina dos Reis se comprometeu em escrever o que sentia e observava, atendendo ao contrato de verossimilhança, de modo que o tom de denúncia invade o

discurso feminino, resultando na revelação da mulher enquanto ser pensante e produtivo intelectualmente, induzindo à divulgação e à discussão questões que deveriam permanecer ocultas, em respeito a um mundo de restrições e silenciamentos.

Ao contrário do que se esperava, “os vetos e hierarquizações que a sociedade forjou para a fala e a escrita da mulher não a fazem desistir, mas a torna mais consciente” (ALVES, 2005, p. 39), de modo que Reis afirmou que, após escrever o primeiro romance, sentiu-se mais encorajada para continuar no universo da escrita literária, o que prenuncia um comportamento subversivo aos paradigmas de controle da mulher no século XIX, assim como se pode identificar no seguinte trecho:

Deixai que minha ÚRSULA, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias d’arte, caminhe entre vós.
 Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir cousa melhor [...]. (REIS, 2009, p. 14)

Apesar do esforço, segundo Alves (2005), poucas escritoras ultrapassaram a publicação de um ou dois livros, tamanha era a rejeição da sociedade. Desse modo, a audácia de Maria Firmina dos Reis delegou às mulheres a missão de encorajar-se a publicar seus escritos, pois o primeiro passo já havia sido dado com seu pioneirismo, ao ser a primeira mulher brasileira a escrever um romance, ultrapassando e transgredindo um espaço antes reservado apenas aos homens, rompendo as ataduras que prendiam as mulheres do século XIX somente ao espaço doméstico, de subserviência, lugar submisso e silencioso.

A realidade enfrentada pela autora mescla-se ao discurso defendido no romance. Através da sua publicação, Reis apresentou, nas entrelinhas, a realidade da condição feminina e do negro do século XIX, isto é, o desprovimento de vontades e a não participação na esfera social.

Alves (2005) afirma que para a mulher, na condição de escritora, é mais fácil escrever através das entrelinhas, o que fica evidenciado em *Úrsula*, pois através do discurso das personagens do romance é que Reis denuncia e critica a sociedade patriarcal e o regime escravocrata.

Movida por interesses mais profundos, Maria Firmina dos Reis, aponta um novo horizonte às escritoras, lutando pela igualdade de direitos, o que resultou na “transformação gradativa da condição da mulher dentro da sociedade” (ALVES, 2005, p.110), fazendo-as refletirem sobre a sua situação de subalternidade e limitações nas relações de gênero.

O novo olhar atinge e abrange a diferença, sem que esta seja regida por parâmetros de hierarquias, de qualificações e desqualificações. Uma nova perspectiva abre-se para a análise e resgate do que ficou subterrâneo silenciado e desqualificado. É o momento das análises [...], do resgate das várias vozes silenciadas, a vez das etnias e dos gêneros. (ALVES, 2005, p. 44)

Com a escrita e publicação do romance *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis construiu o espaço ideal para discutir o cotidiano vivenciado pelas mulheres e pelos negros, e todas as coisas que os atormentavam.

4 A VALORIZAÇÃO DOS AFRODESCENDENTES

Assim como a mulher, o negro era considerado como um ser destituído de vontades próprias, ausente de cultura e tradições; era visto como um objeto/mercadoria. A realidade do escravo era tão amarga que a morte era vista como libertação “não apenas para uma alma que sofre, mas também para um corpo que padece” (DRUMOND, 2011, p. 61), de modo que, vida e morte se entrelaçavam através da experiência da escravidão. Os negros não tinham expectativas, pois já estavam distante de seu país, dos seus entes queridos e, principalmente da sua cultura, sendo obrigados a cultivar a cultura do branco dominante à força.

Podemos identificar a falta de esperança e a lástima dos escravos, no seguinte trecho:

[...] o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos!

Oh! esperança! Só a têm os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura!... Gozos!... só na eternidade os antevêm eles! (REIS, 2009, p. 22)

Entretanto, mesmo diante das atrocidades e das imposições dos brancos, a bondade presente no sangue do afrodescendente permanece como motivo de exaltação para a autora, que defende a boa índole dos negros em toda a narrativa, tanto quen nenhum dos personagens afrodescendentes se rebela ou comete atos violentos. São regidos por um código ético e agem de acordo com ele, têm a noção do bem arraigada no sangue afrodescendente.

Os primeiros indícios de bondade dizem respeito ao escravo Túlio, que aparece logo nas primeiras páginas do romance. Este é exaltado pela narradora, de forma que sua primeira aparição é concebida como um milagre, pois não fosse ele, o jovem cavaleiro, par romântico de Úrsula, teria falecido, porque ninguém apareceria para salvá-lo:

E mais e mais se aproximava ele do cavaleiro desmaiado; porque seus passos para ali se dirigiam, como se a Providência os guiasse! Ao endireitar-se para um bosque à cata sem dúvida da fonte que procurava, seus olhos se fixaram sobre aquele triste espetáculo.
– Deus meu! – exclamou, correndo para o desconhecido.
E ao coração tocou-lhe piedoso interesse, vendo esse homem lançado por terra, tinto em seu próprio sangue, e ainda oprimido pelo animal já morto. E ao aproximar-se contemplou em silêncio o rosto desfigurado do mancebo; curvou-se, e pôs-lhe a mão sobre o peito, e sentiu lá no fundo frouxas e espaçadas pulsações, e assomou-lhe ao rosto riso fagueiro de completo enlevo, da mais íntima satisfação. O mancebo respirava ainda. (REIS, 2009, p. 22)

Notamos o contentamento de Túlio ao perceber que o mancebo estava vivo, mesmo sem conhecê-lo. A bondade está enraizada no coração e no sangue dos afrodescendentes de tal modo que, nem “o nosso clima e a servidão não puderam resfriar” (*op. cit.*, p.22).

Desse modo, Maria Firmina foi também a primeira autora a exaltar o negro em um romance, dando ênfase as suas qualidades, tanto que, na obra, o jovem cavaleiro branco, par romântico de Úrsula, não tem nome a princípio, apenas codinomes como jovem, cavaleiro e mancebo, e, somente no quarto capítulo, é nomeado, apesar da

presença do jovem em quase todos os capítulos anteriores. Já os personagens afrodescendentes são nomeados rapidamente, após breve apresentação das características físicas e psicológicas: a narradora encarece a bondade inata dos negros.

A autora não quis destacar os personagens brancos e sim os negros; algo incomum para a época e para uma escrita feminina. Embora a narrativa apresente personagens brancos, são as qualidades e características dos negros que são valorizadas e exaltadas. O que a autora pretendia e conseguiu, cremos, foi romper paradigmas apresentando a mulher e o negro como protagonistas de um romance, além de valorizar a cultura africana, e, por extensão, afrodescendente, assim como a defesa do abolicionismo.

Notamos que a primeira aparição da protagonista do romance é imediatamente nomeada e qualificada. Enfatiza-se a bondade corrente no sangue de Úrsula, que mesmo sem conhecer o enfermo cavaleiro compadecia-se do seu sofrimento, compartilhando esse sofrimento pela vida desenganada que levava:

A lua ia já alta na azulada abóboda, prateando o cume das árvores, e a superfície da terra, e apesar disso Úrsula a mimosa filha de Luíza B..., a flor daquelas solidões, não adormecera um instante. É que agora esse anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diurnos cuidados, que dava a sua mãe enferma; e assim duplicadas as suas ocupações sentia fugir-lhe nessa noite o sono.” (REIS, 2009, p.32)

Úrsula, desde jovem, cuidou da mãe, que ficara parálitica, e jamais se aborreceu com isso. Pelo contrário, tratava-a com muita brandura e carinho, e quando Túlio levou um ferido para sua casa, precisando de ajuda, a moça imediatamente compartilhou da situação do rapaz, dividindo seus cuidados entre a mãe e ele, o jovem Tancredo, revelando uma bondade aprendida e herdada da cultura africana.

A narradora defende os afrodescendentes de tal modo que transparece a felicidade do branco que tiver um negro como amigo, pois ele será fiel à amizade pelo resto da vida, cumulando o amigo de cuidado e afeto. Isso pode ser identificado no seguinte trecho: “*Túlio observava-o com angústia: as dores do mancebo sentia-as ele no coração*” (REIS, 2009, p.32). O sentimento do escravo era tão forte que o sofrimento do mancebo consumia-lhe e o desesperava fortemente. À medida que o cavaleiro ia

melhorando, sua felicidade ia aumentando, assim como a de Úrsula, que, ao mesmo tempo em que ficava alegre, se entristecia com a partida que cada vez mais se aproximava.

Em gratidão à amizade de Túlio, o jovem cavaleiro ofereceu um presente ao amigo, que seria a sua alforria, algo que podiaser comprado com o dinheiro que o mancebo deu ao escravo para tal finalidade. Diante desse fato, anarradora revela indignação com a condição do negro: “*Túlio obteve pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera [...]*” (REIS, 2009, p.42); o jovem afrodescendente comprou sua liberdade, algo que deveria ser direito de todos.

Essa demonstração de amizade, mostra que “a liberdade dignifica, perdoa e redime, sendo o objetivo último do escravo, ainda que a condição de liberto viesse acompanhada de pobreza e abandono fora do engenho e da Casa Grande” (ANDRADE, 2011, p. 23). Essa aspiração, para muitos escravos, pertencia mais ao plano da imaginação do que ao real, pois estavam acorrentados a todo um sistema e não apenas a correntes.

Desse modo, Reis defende a abolição da escravatura, pois, para ela, era injusto privar o ser humano de um direito que sempre lhe fora natural. Assim como afirma Drumond (2011)“a abolição era apenas o primeiro passo de um necessário processo que pretendia reverter hábitos que tinham se formado ao longo de três séculos” (p.69). Somente a partir desse primeiro passo, se poderia pensar em como reverter um extenso período marcado por injustiças e desigualdades.

Após a alforria, surgem outros problemas para os negros, como a falta de espaço numa sociedade eurocêntrica e a não possibilidade de voltar ao seu país. De modo quesomente a libertação da condição de escravo não foi suficiente para que essas pessoas fossem aceitas socialmente e proprietária da sua própria vida, pois, assim como afirma Oliveira (2011),

Essa população sofreu no período escravocrata, desde as formas da saída de sua terra natal, até sua chegada ao Brasil. A sua vivência nas senzalas foi marcada por atos que se constituíam em atrozescastigos, humilhações; posteriormente, a sua inserção na sociedade, após o período abolicionista, continua com a marca efetiva da violência, na

medida em que não foi gestada uma política pública de inserção do negro na sociedade brasileira. (p.100)

De todo modo, Firmina impugna os ditames sociais trazendo à tona questões que precisam ser resolvidas e refletidas em curto prazo. Apesar de todo sofrimento dos negros, ela os apresenta na sua magnitude, como pessoas boas por natureza, difíceis de serem corrompidas.

A autora cede lugar e dá voz aos que sempre foram silenciados, com o desejo de converter a ficção em realidade, o que segundo Drumond (2011), seria uma tentativa de refundar a nação brasileira. A escravidão e o abolicionismo que para alguns seria um componente da narrativa, Reis apresenta como tema, mostrando uma relação entre discurso literário e processos históricos brasileiros, ao ficcionalizar uma história, relatando a realidade enfrentada pelas mulheres e pelos negros.

Através da personagem Suzana, a velha africana, narram-se as péssimas condições em que os escravos eram transportados e chegavam ao Brasil, “arrancados da sua terra natal, destituídos de respeito moral, violentados fisicamente” (OLIVEIRA, 2011, p. 101), sem terem consciência do que os esperava e desconhecendo a razão de tanto sofrimento: a família e a liberdade lhes eram tiradas.

O retorno às origens e a felicidade era algo inalcançável, algo que somente poderia acontecer em pensamento, quando recordavam a sua liberdade na África e de como eram felizes os desventurados escravos.

Com Úrsula, Túlio, Susana, Luísa (mãe de Úrsula) e outros personagens, defende-se a bondade dos afrodescendentes, expondo-se suas qualidades, concedendo voz e espaço para que eles possam se defender e relatar sua experiência com a escravidão imposta pelos brancos, com o objetivo de dar voz aos homens e mulheres negros como sujeitos da sua própria história.

Desse modo, o resgate da história negra tem contribuído para

O fortalecimento da continuidade da luta no sentido de promover a compreensão das significações vividas, para ressignificar o conteúdo dessa vivência nos períodos históricos que se sucedem, pois os significados da história do presente se enlaçam com a história do

passado e alçam voos para a reconstrução de uma nova história. (OLIVEIRA, 2011, p. 112)

E, assim como os negros, as personagens femininas são bastante evidenciadas pela autora, tanto que nomeou o sétimo capítulo “*Adelaide*”, e os outros também foram dedicados a mais mulheres, como o oitavo intitulado “*Luisa B...*” e o nono, “*A preta Susana*”, sem falar do próprio nome do romance: *Úrsula*.

5 AS MULHERES DA OBRA

5.1 SUSANA: A VELHA AFRICANA

Na casa onde Túlio trabalhou, havia uma mulher negra e escrava, que lhe serviu de mãe nos seus primeiros anos de vida e a quem ele destinava grande afeto. Susana, que logo é apresentada e nomeada pela narradora, é uma velha africana, que usava vestimentas simples e era bem magra, devido às condições em que vivia.

Ao descobrir sobre a parceria entre Túlio e Tancredo, o jovem cavaleiro, a velha africana ficou desconfiada do branco, pois a sua realidade de escrava somente poderia suscitar tal pensamento. Porém, ficou muito feliz com a amizade e liberdade que Tancredo concedera a Túlio, que tinha o mesmo sangue africano correndo nas veias.

Susana é um dos personagens primordiais do romance, no que diz respeito à narração do surgimento da escravidão negra e da retratação dos sentimentos dos negros diante da tirania branca. A velha africana pode ser vista como a guardiã da cultura de seu país, pois Susana jamais esquecerá suas raízes e a liberdade de sua terra natal:

– Ah! pelo céu! – exclamou o jovem negro enternecido – sim, pelo céu, para que essas recordações!?
– Não matam, meu filho. Se matassem, há muito que morreria, pois vivem comigo todas as horas. (REIS, 2009, p. 116)

Porém, sua história é trágica, pois, quando jovem morava na África e vivia livremente em seu país, até o momento em que foi capturada por um de seus irmãos de

nacionalidade. A jovem negra foi arrancada da filha e esposo que tanto amava, sendo levada para o Brasil de navio em condições sub-humanas. Humilhada e desolada, partiu por um caminho desconhecido somente pelo fato de ser negra:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para o recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de leva-los a sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2009, p.117)

Através de Susana, a narradora conta como se deu a captura de escravos na África, trazendo à superfície a dor daqueles que foram arrebatados de seu país sem motivação alguma que não fosse o interesse dos brancos. Desse modo, apresenta o outro lado da escravidão, não somente o da chicotadas e abusos sexuais e exploratórios de seus semelhantes. Reis abre espaço e apresenta o discurso do negro através da fala de Susana, que sofreu na pele e no coração as dores da escravidão, retratando o sofrimento que os europeus causaram a milhares de pessoas, com a implacável perseguição na captura de escravos que deveriam servir a pessoas desconhecidas.

Susana lembra-se com extrema saudade, da liberdade de que lhes foi privada:

“[...] Liberdade! liberdade... ah! eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descamadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! meu filho! mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em que me revia, , em quem tinha depositado todo o amor de

minha alma: – uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente *amada*, *ah Túlio! tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! tudo, tudo até a própria liberdade.*” (REIS, 2009, p. 115)

Susana representa a centena de milhares de africanos que foram “arrancados” da sua terra natal, de modo que apresenta o padecimento dos negros nas mãos dos brancos, pois

[...] sua liberdade foi duramente arrebatada das mãos, sua identidade, valores culturais, religiosos foram destruídos, desconhecidos renegados, sendo afastados de sua família porque, na formação da sociedade escravocrata brasileira, a família negra organizada não representava nenhum interesse para aqueles que exerciam o tráfico, como também para os senhores de engenho, haja vista que a importação de escravos objetivava a exploração do corpo e da alma do negro, pois este era considerado apenas uma mercadoria; para os senhores o que importava era apenas o lucro. (OLIVEIRA, 2011, p. 102)

O negro não era visto como ser humano semelhante, mas sim como uma mercadoria, que gerava lucro aos brancos. Diante desse fato, Reis contesta a condição do negro, defendendo-o e colocando-o como narrador da sua própria história e do sofrimento que alojaram em suas vidas.

Apesar de todo o martírio e da privação da liberdade, os europeus não puderam arrancar de Susana as lembranças, pois, assim como afirma Andrade (2011), não se pode separar o homem da sua cultura. A personagem Susana, a guardiã da cultura africana, representa aqueles que viveram e sofreram na pele todos os tormentos, portanto, ninguém melhor para falar sobre o tráfico de escravos.

No discurso da negra africana, a grande indignação contra a escravidão, que somente no romance *Úrsula* Maria Firmina dos Reis encontrou espaço para expressar. Essa novidade do romance de Reis expõe questões acerca da mulher e do negro a serem discutidas e repensadas; a sua publicação no século XIX certamente desconstruiu alguns paradigmas direta ou indiretamente.

5.2 MÃE DE TANCREDO E LUÍSA: O MATRIMÔNIO

5.2.1 MÃE DE TANCREDO

Outro retrato de revolta e injustiça que Reis apresenta diz respeito à sociedade patriarcal da época. A mulher era vítima desse sistema, sendo submetida aos caprichos dos homens, e, na maioria dos casos, sofrendo em silêncio:

O desprazer de ver preferida a si a mulher que odiava, fez com que meu implacável pai me apartasse dela seis longos anos, não me permitindo uma só visita ao ninho paterno; e minha mãe finava-se de saudades; mas sofria a ausência, porque era a vontade de seu esposo. (REIS, 2009, p. 60)

Além de confinar a esposa às suas vontades, a não aceitação do homem como primeiro lugar na predileção, esse sendo ocupado pela esposa, provoca ira e afastamento daquele que a premiou – Tancredo –, restando somente à mulher o sofrimento da dor da separação, *porque era a vontade do esposo*.

Na sociedade patriarcalista do século XIX “a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso” (SPIVAK, 2010, p. 119). Essa repressão da figura feminina funciona como uma determinação de silêncio e uma afirmação de inexistência da mulher.

Como notamos, um dos grandes representantes do patriarcalismo, dentro do romance, é o pai de Tancredo, *“homem desapiadado e orgulhoso”* (REIS, 2009, p.60), assim como o declara o próprio filho.

Sempre apreensivo quanto à carreira de seu herdeiro, pelo fato de ser do sexo masculino, o pai de Tancredo demonstrava afeto somente através das suas preocupações com seu sucesso profissional, de modo que utilizava a influência do seu nome solicitando aos amigos que o seu filho ocupasse um cargo de prestígio.

Em uma sociedade patriarcal, os homens precisavam ocupar cargos públicos ou políticos, para serem respeitados, e demonstrar sua virilidade: “o patriarcalismo

aprofundou, assim, as fundações do poder masculino e da cultura masculinizante” (VIEZZER, 1989, p.98).

Através desse personagem patriarcal, a autora apresenta sua indignação pela facilidade com que os homens obtêm emprego e prestígio, enquanto a mulher precisa travar uma luta contra a sociedade e as regras impostas para conseguirem o direito de ao menos estudar e se pronunciar socialmente.

De outro lado, habilmente, a autora construiu uma personagem masculina revoltada contra esse patriarcalismo, que era o próprio Tancredo, filho do tirano, que presenciou desde pequeno toda a crueldade cometida pelo pai e o sofrimento que este causava a sua mãe; excelente forma de mostrar aos leitores as futuras mudanças em relação ao tratamento para com a mulher, e a necessidade de o homem enxergar na figura feminina um ser humano semelhante.

O próprio homem reconhece a arrogância patriarcal e é contra essa forma de dominação imposta pela sociedade da época; essa relação de dominação sobre o outro gerava medo, e não respeito. Assim, para o personagem Tancredo, serviram mais os conselhos da mãe do que a rigidez e ordens do pai, dito o chefe da família.

A autora retrata e denuncia em sua obra a submissão da esposa do século XIX, que sofria calada aos abusos cometidos pelos esposos. Isso pode ser observado no seguinte trecho, narrado por Tancredo:

Perdoai-me... mas tanto tenho sofrido; tantas lágrimas me têm I sulcado o rosto desfeito pelos pesares; tanta dor me tem amargurado a alma, que estas palavras, nascidas no íntimo do peito, pungentes, como toda a minha existência, não vos podem ofender. Arranca-as, senhor, dos abismos da minha alma; a agonia lenta, que nela têm gerado o desprezo e desamor com que me tendes tratado!

E extenuada por tamanho esforço e pela dor, não pôde continuar. E meu pai ouvia-a em silêncio: quando ela terminou suas magoadas expressões, ele com tom seco e firme, tão estranho aos queixumes de sua esposa, como se os não ouvira, exclamou:

– Ide-vos! – E acrescentou no mesmo tom – **Dizei a vosso filho que a vontade de seu pai não a domastes vós, e ninguém o conseguirá.**

– E nem uma palavra de esperança?... – soluçou minha feliz mãe.

– Ide-vos – tornou-lhe o endurecido esposo.

Ela obedeceu. (REIS, 2009, p. 65-66, grifos nossos)

A opinião e vontade da esposa nada importavam ao tirano, e, apesar de toda a doçura e sofrimento, ela não conseguia exercer seu direito à fala e participação nesse sistema familiar de imposições. Na medida em que pergunta se ao menos o esposo poderia pensar sobre o assunto este lhe ordena que saia e encerre a conversa, o que ela faz de forma obediente.

O comportamento idealizado da mulher era traduzido pelos olhos baixos, cabeça inclinada para o chão, gestos comedidos e silenciosos que representavam a jovem delicada, casta, o verdadeiro anjo à espera de mãos fortes e preparadas que, através do casamento, delineariam seu caráter, transmutando-a em outra representação (também construída), que era a imagem e o papel da mãe de família. (ALVES, 2005, p. 89)

O homem se julgava no direito de falar pela mulher, e por meio dessa alocação, foi construindo um discurso hegemônico e estereotipado, reproduzindo a estrutura do poder e da opressão vigentes, a fim de manter a mulher silenciada. Isso é evidenciado, principalmente nos discursos das personagens matrimoniadas, sem uma participação social, de modo que o homem decidia por todos, mulher e filhos, pois estes se encontravam em uma condição desfavorecida, sem voz, silenciados porque alimentados e “protegidos” pelo pai-patrão.

Com isso, a autora questiona sobre o destino das esposas: será que são obrigadas a continuarem casadas com homens que a tratam como fantoches, sem vontades e sem sentimentos?

Tratando-se da realidade do século XIX, a mulher via-se literalmente obrigada a permanecer casada, pois uma separação poderia arruinar sua reputação; mesmo com vontade de libertar-se, a mulher sentia-se presa a uma teia de preceitos sociais, que a obrigava a permanecer silenciada. O casamento era visto “como elemento de equilíbrio social, e, dentro dele, a ausência de paixões, a obediência e a subordinação da mulher” (DEL PRIORE, 1994, p.20), a subordinação era vista como algo normal/natural.

Através da figura de linguagem comparação, em um momento do livro, Reis apresenta ao leitor dois quadros com a figura da mãe de Tancredo: um deles, feito enquanto jovem; outro, atual. A partir das descrições da narradora, a imagem da mulher

jovem e solteira era viva e alegre, enquanto a figura atual era abatida e triste com os resquícios do sofrimento que o casamento lhe trouxera.

A mulher do século XIX, destinada ao casamento, quase sempre não era feliz com a sua condição, pois “seu principal cuidado deve ser instruir e educar os filhos [...], cuidar com diligência das coisas da casa, não sair dela sem necessidade nem sem permissão de seu marido” (DEL PRIORE, 1994, p. 18-19). Seu espaço era apenas o ambiente doméstico, não podia ser dona das suas vontades e nem participar das esferas pública e social.

Em contraposição, logo depois, a narradora descreve um outro retrato: agora o do pai de Tancredo. A imagem dele jovem não apresentava muitas mudanças, quando comparado com a sua atual figura, exceto pelos cabelos grisalhos, pois ele já havia alcançado os sessenta anos de idade.

Novamente comparando a imagem feminina com a masculina, concluímos que os homens não sofriam com o tempo tanto quanto as mulheres, porque seus papéis sociais, desde sempre, foram instituídos e assegurados social e culturalmente no tempo. A soberania e controle das vontades sempre tiveram espaço na vida masculina, enquanto as mulheres sofriam as repressões em silêncio, presas a convenções sociais, com a submissão histórica, feitas de fantoche pelos homens e sem direito a desejos e ambições pessoais, de modo que o corpo não resistia a tanto sofrimento e se desfigurava com o tempo.

Com isso, Reis expõe questões sociais e políticas de seu tempo, sobre a relação de poder sobre a mulher. O poder, segundo Spivak (2010), é mantido pela classe dominante a fim de preservar seus interesses, pois abrir espaço à voz feminina poderia colocar em risco a posição masculina de dominante.

O patriarcalismo aprofundou ainda mais a ideia de inferioridade feminina; o discurso do pai de Tancredo é sempre permeado por um tom machista. Para ele, o homem não deve satisfazer aos desejos femininos, pois aquele que os realiza é considerado fraco, ao passo que a mulher devia sempre satisfazer ao homem. Esta é uma visão de posse sobre a figura feminina e reflete preconceitos estabelecidos pela autoridade e prepotência masculinas.

“Essa assimetria legalmente programada do status do sujeito, que efetivamente define a mulher como objeto de um marido, obviamente opera no interesse do sujeito-status legalmente simétrico do homem” (SPIVAK, 2010, p. 108), que sempre foi reforçado pelo patriarcalismo.

5.2.2 LUÍSA

Outra personagem infeliz com o matrimônio foi Luísa, mãe de Úrsula. Apaixonou-se por Paulo e se casou com ele contra a vontade do irmão, que o considerava inferior pelo nascimento em família desprivilegiada e por não possuir fortuna.

Além da reprovação do irmão em relação a sua escolha, Luísa sofreu por não ser correspondida por Paulo na mesma intensidade com que ela o amava. Sofreu traições, desgostos, aflições e desrespeitos conjugais:

Paulo B... não soube compreender a grandeza de meu amor, acumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões. (REIS, 2009, p. 102)

Segundo Viezzer (1989), as mulheres “são a metade humilhada do gênero humano, por causa de uma subordinação cruel e universal, apesar de injustificável” (p. 103-104). Para o homem, não interessava saber que suas traições feriam as esposas, pois era normal os homens manterem relações extraconjugais.

Assim como a mãe de Tancredo, Luísa teve um casamento infeliz: era submissa aos caprichos masculinos, sofrendo em silêncio. Luísa tinha esperança de que o esposo se transformasse com o nascimento da filha Úrsula, mas ele morreu, ou melhor, foi assassinado pelo cunhado – fato que ele somente descobriu no leito de morte – antes de completar sua total regeneração.

Com esse assassinato, a narradora denuncia a impunidade e o descumprimento das obrigações da justiça, pois não se investigou a morte do esposo de uma mulher pobre, de modo que Luísa ficou desamparada financeiramente e sem o esposo, na criação de Úrsula.

A maternidade vivenciada “pela maior parte das mulheres então, num cenário de extrema pobreza e luta pela vida” (DEL PRIORE, 1994, p. 47), fez com Luísa se adaptasse ou sobrevivesse, mesmo com aquela realidade, ainda mais quando, na condição de mulher solteira, ou, viúva, ficasse desprovida de bens materiais, que foi o aconteceu com Luísa.

Além do sofrimento, identificamos o outro lado de Luísa, o da mulher guerreira, que, mesmo muito doente e sem condições financeiras, preocupava-se todos os dias com o destino da filha Úrsula. Essa mulher encontrava na “maternidade um papel que exercia adaptado às suas realidades” (DEL PRIORE, 1994, p. 49), na luta pela vida.

Através do casamento, se evidencia como estas mulheres se sentem infelizes por serem tratadas como seres desprovidos de sentimentos; Maria Firmina foi muito habilidosa em apresentar esses conflitos psicológicos das mulheres matrimoniadas, o que somente comprova o que afirma Alves (2005):

[...] muitas produções em prosa mostram a preferência – quando se trata de texto de autoria feminina – por personagens que retratem mulheres comuns, e outras que não se preocupam com a descrição da beleza física nem de seu comportamento, procurando mais expressar os conflitos que se passam no interior da personagem. (p. 133)

5.3 ADELAIDE: O PRIMEIRO AMOR DE TANCREDO

Órfã de mãe e pai, Adelaide, moça a quem Tancredo jurou amor e prometeu casamento, é filha de uma prima da mãe de Tancredo.

Através da sedução feminina, como evidencia a própria narradora, que pode ser observada no seguinte trecho: “– E junto de minha pobre mãe – continuou o cavaleiro,

após breve silêncio – eu vi uma mulher bela e sedutora, dessas que enlouquecem desde a primeira vista.” (REIS, 2009, p.58), Adelaide conseguiu conquistar o pai de Tancredo e ocupou o lugar de esposa, após a morte de sua tia e no momento em que Tancredo estava estudando fora de sua cidade.

Além da questão da sedução feminina, surge um questionamento de caráter, advindo da traição dessa mulher ao juramento de amor dedicado a Tancredo, que, ao descobrir a traição, abomina-a com todo seu ser. Uma decepção amorosa terrível, pois a amada o traiu com o seu próprio pai.

Algumas mulheres, movidas por interesses pessoais, eram vistas como desqualificadas e sem valor para ocupar o posto de dona do lar, pois “seriam mulheres com facilidade de costumes, associadas às mulheres de raças dominadas, surdas aos deveres do matrimônio e genitoras de irregularidade moral” (DEL PRIORE, 1994, p. 15). Não é o que acontece com Adelaide, pois esta ocupou o lugar de esposa. Isso já seria uma forma de Reis questionar, mais uma vez, toda uma ordem vigente no século XIX, pois as relações extraconjugais dos homens eram de domínio público e era considerado um comportamento normal. Todavia, tratando-se de um ser do sexo feminino, a traição era severamente punida. Uma mulher prevaricadora não poderia ser aceita natural e socialmente. Adelaide, apesar de se envolver com um viúvo, o pai de Tancredo, profanou a jura feita ao filho do seu futuro marido. Através dessa personagem, Reis contesta as imposições sociais, colocando, como dona do lar e esposa, alguém que se reputava indigna ou impedida de assumir essa posição, observando-se a lei criada pelos próprios machistas, que, quando convinha, sabiam ignorá-la.

Outro fato é que apesar da “traição”, ao contrário do que se esperava, Tancredo não se vingou do pai ou de Adelaide. Apenas fugiu sem rumo, pois não seria capaz de viver tranquilamente sob o mesmo teto com os dois.

Segundo Viezzer (1989), havia muitos casos de homens traídos no século XIX (e ainda no século XXI se observa), que se vingavam da mulher traidora, castigando-a com a morte, no intuito de lavar a honra com sangue. Isto, felizmente, não aconteceu com o personagem Tancredo, tendo em vista, a sua boa índole e a não aceitação do patriarcalismo e de toda forma de tirania; nada mais coerente do que ele não cometer nenhum tipo de agressão ou violência contra Adelaide ou contra o pai.

Percebemos, assim, que há um contraste entre as duas mulheres centrais na vida do jovem cavaleiro: Úrsula e Adelaide. A primeira, considerada um anjo, a segunda como “demônio”, segundo valores da época de produção do romance.

Tancredo se apaixonou perdidamente por Úrsula, que com sua meiguice, bondade e coragem fez com que ele esquecesse a amargura sofrida com Adelaide.

5.4 ÚRSULA: A PROTAGONISTA

Filha de Luísa e órfã de pai, Úrsula é, a princípio, aquela típica mulher casta e pudica. A “adjetivação, cheia de sentidos adocicados, casava bem com um enredo pontilhado de sofrimento e lágrimas” (BRANDÃO, 2011, p. 45), pelos quais passava a protagonista.

Era a típica mulher anjo, em analogia com a figura da Virgem Maria, que representa o ideal de comportamento feminino, sendo as mulheres solteiras virgens e castas, e as casadas, virtuosas, leais, recatadas e obedientes.

Porém, no desenrolar da trama, Úrsula mostra que não é tão frágil quanto parece, tanto que, no final, ela se rebela contra uma vontade que lhe querem impor, à medida que fica louca. Escolhida por Fernando, que nutre violenta paixão por ela, Úrsula rejeita a falta de respeito aos seus próprios sentimentos, à sua vontade.

Segundo Spivak (2010), a subalternização da mulher era vista como um comportamento idealizado e construído pelo homem, como se ela não tivesse anseios ou ambições para além do casamento e maternidade: mulher desprovida de vontades, estátua viva, com a única função de subservir ao homem.

Úrsula, consciente da paixão obsessiva do homem que matou seu pai e deixou sua família pobre, foge com Tancredo, a quem ela realmente amava, porém foi arrebatada pelo destino trágico. Úrsula e Tancredo chegam a se casar, e quando eles se deparam com Fernando, Tancredo tentou matá-lo, mas erra o alvo. Diante dessa situação, Úrsula desesperada, entrega-se a Fernando, por amor a Tancredo, a fim de salvar-lhes a vida. Porém, Fernando não se contentou em tê-la aos seus pés, queria ver

morto Tancredo, e, num golpe covarde, seus capangas agarram o jovem pelas costas, apunhalando o rapaz no peito, tirando, assim, a vida do grande amor de Úrsula.

Úrsula ficou louca após a morte de Tancredo e, “nesse transe supremo, cruzou as mãos sobre o peito, apertando nesse estreito abraço a florzinha seca de sua capela, e murmurou – Tancredo! –, e com os lábios entreabertos, e onde adejava um sorriso divinal, e como um anjo deu o último suspiro” (REIS, 2009, p.230).

Para Telles (2010) não poderia ter outro fim senão a morte, pois

[...] a despeito do romantismo, não havia lugar no Brasil de então para um bacharel que abandona a casa por não suportar a maneira de viver do pai tirano e fica amigo de um escravo que tem personalidade própria e ainda se casar com uma jovem sem nenhum dote. Também não haveria espaço para a jovem que experimenta a dureza do destino no começo dos seus anos e, mesmo sem experiência tenta fugir de sua prisão.” (p. 414)

Além disso, no fim trágico de *Úrsula* transparece a habilidade literária de Maria Firmina dos Reis. A mulher idealizada, a loucura de Úrsula e depois a morte, assim como Tancredo que também falece, são traços típicos do romance romântico, que evidenciam a qualidade da escrita de Reis.

Através dessa personagem, questionamos o lugar social da mulher. O que parece um simples relato de uma história de amor se transforma em uma revolta contra as imposições sociais feitas às mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viezza (1989) afirma que para mudar esse cenário de submissão, no qual a mulher se ancora, muitas vezes, faz-se necessária uma passagem da consciência à ação. Esta tarefa deve ser realizada pelas próprias mulheres. Podemos destacar a representatividade de Maria Firmina dos Reis com *Úrsula*, o primeiro romance escrito por uma mulher brasileira, libelo contra o preconceito e a subalternização de mulheres, pobres negros. Maria Firmina usou a palavra como arma para combater uma situação que viveu de forma pessoal e intransferível, mas retratável e denunciável em tempos de pouca ou nenhuma receptividade às intervenções de mulheres e de afrodescendentes.

A audácia da autora ultrapassa seu tempo; sua coragem de denunciar a humilhação sofrida pela mulher e pelo negro traz à tona todo um sistema patriarcal tirano, que precisava e ainda precisa mudar. Reis apresenta um quadro em que submissão e sofrimento se imbricam, um acarretando o outro, anulando ainda a possibilidade do governo da própria vida. A dor e angústia provocadas por assédio moral de várias ordens, pela intimidação do dito mais fraco, convidam a uma reflexão acerca dos papéis sociais. A retratação dos valores do ponto de vista masculino é equivocada e fere os direitos fundamentais do ser humano, porque cerceadora das liberdades de pensar e agir.

Úrsula comprova a audácia dessa mulher que superou todas as barreiras impostas por uma sociedade machista, publicando suas ideias e seus pontos de vista, resgatando a história da mulher silenciada por um sistema patriarcal, assim como a dos negros, negada pela ideologia racista.

Não estamos tentando defender que a literatura feminina seja superior à masculina, nem a ideia de masculinização da figura feminina, ao contrário, abandonamos essa ideia de hierarquização e colocamos a literatura de autoria feminina e masculina em um mesmo patamar, a serem analisadas e avaliadas de forma igualitária.

O problema é que, por muito tempo, se “apagou” a literatura feminina, tida como produto de mentes ociosas e sonhadoras, sem um contributo efetivo para a história cultural da humanidade. A inserção do discurso masculino no construto histórico-cultural é valiosa, mas este não é exclusivo.

Reivindicar um lugar para o subalternizado ao lado dos subalternizadores é reconhecer que esses papéis caducaram pela ineficácia e pelo despropósito de suas

ações. Além de resgatar vozes silenciadas, recuperar as questões de gênero e etnia, através de uma escritora mulher e afrodescendente, que ultrapassou os preconceitos vigentes da época, a fim de, direta ou indiretamente, apresentar ao público o outro lado feminino, diferente do doméstico/subalterno, é, sobretudo, completar uma visão de mundo antes parcial e imperfeita.

Rompendo os nós da submissão e intolerância racial, Reis, questionou a sociedade machista, patriarcal e racista, através da publicação do romance *Úrsula*, a fim de conquistar a plena cidadania das mulheres e dos negros, ou seja, a igualdade de gênero e raça.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivya. *Interfaces: ensaios críticos sobre escritoras*. Ilhéus – BA: Editus, 2005.

ANDRADE, Débora El-Jaick. *Liberalismo e paternalismo no romance As vítimas algozes de Joaquim Manuel de Macedo*. **In:** BRANDÃO, Gilda Vilela; MARTINS, Ana Claudia Aymoré; WOJSKI, Zygmunt. *Corpo, literatura e cultura: espaço latino-americanos da escravidão*. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 13-40.

BRANDÃO, Gilda Vilela. *A mimesis da escravidão em três narrativas literárias brasileiras*. **In:** BRANDÃO, Gilda Vilela; MARTINS, Ana Claudia Aymoré; WOJSKI, Zygmunt. *Corpo, literatura e cultura: espaço latino-americanos da escravidão*. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 41-55.

DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

DRUMOND, André. *A liberdade e a morte na idade da abolição*. **In:** BRANDÃO, Gilda Vilela; MARTINS, Ana Claudia Aymoré; WOJSKI, Zygmunt. *Corpo, literatura e cultura: espaço latino-americanos da escravidão*. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 57-78.

GÊNESIS. A Bíblia. Tradução Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

OLIVEIRA, Maria aparecida batista de. *Mulher negra e violência: o lugar da dor na vivência do racismo*. **In:** BRANDÃO, Gilda Vilela; MARTINS, Ana Claudia Aymoré; WOJSKI, Zygmunt. *Corpo, literatura e cultura: espaço latino-americanos da escravidão*. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 99-115.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula; A escrava*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

SPIVAK, GayatriChakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Norma. *Escritoras, Escritas, Escrituras*. **In:** DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 401-432.

VIEZZER, Moema. *O problema não está na mulher*. São Paulo: Cortez, 1989.